

8

---

## **CULTURA, CULTURAS, INTERCULTURALIDADE**

ALCINDA CABRAL

O conceito de cultura tem sido abordado através dos tempos por especialistas das várias áreas das ciências sociais. O seu contributo para a compreensão do tema remete-nos para abordagens diferentes, nunca contraditórias, antes complementares, o que atesta a dificuldade de objectivar e de restringir a sua definição.

Genericamente, a cultura opõe-se à natureza, ou seja, ao que é hereditário, inato, sucedendo-lhe cronologicamente no tempo, já que depende das aquisições sociais em contacto com o meio no qual se vive. Assim, e a partir do século XVII, entende-se cultura como o conjunto dos fenómenos materiais e ideológicos que caracterizam uma colectividade, seja ela uma nação ou um grupo étnico, distinguindo-a das outras, devido aos traços específicos que a diferenciam (Larousse, 1985 : 2838). O movimento de transmissão cultural é um processo activo, que evolui constantemente, e que faz interagir dois grupos de pessoas : o daqueles que fazem a passagem dos conhecimentos tradicionais ao dos receptores que a eles acedem. Por esta razão o fenómeno cultural é próprio do ser humano, portanto social e universal. O seu carácter universal faz com que haja traços comuns em todas as culturas, mas o seu carácter social faz com que se apresentem muitas variantes, e não apenas um modelo único.

O processo de absorção dos traços culturais próprios dum grupo pelos seus membros, ou enculturação, dá-se a par do seu desenvolvimento psico-somático. A enculturação consiste, pois, na integração progressiva do indivíduo ao sistema cultural a que pertence, sendo assim uma das componentes da sua socialização. Já que a socialização compreende "por um lado, as diferentes aprendizagens que permitem o estabelecimento de relações com outrem e com o grupo social em geral" e, "por outro lado, as influências, efeitos e pressões vindos doutrem e da sociedade sobre o desenvolvimento do indivíduo (tanto no plano fisiológico como no psicológico)", a enculturação seria assim "a marca particular, a forma que toma

## **CULTURA, CULTURAS, INTERCULTURALIDADE**

o fenómeno geral de socialização em cada grupo social (numa escala reduzida, certos hábitos familiares - ao nível da linguagem por exemplo - podem ser assimilados a fenómenos de enculturação)" (Galissou e Coste, 1976 : 12-13).

188

Numa perspectiva antropológica, a cultura é o que permite legitimar esta ciência. González-Quevedo (1994 : 13), para quem ela constitui o conceito-chave da antropologia cultural como ciência, passa em revista diacrónica a evolução dos significados atribuídos a este conceito (1994 : 15-45). Assim, para os primeiros antropólogos, a cultura é tida como evolução e progresso em tudo o que toca o ser humano : conhecimento, comportamento, organização social. Para Tylor (Bohannon e Glazer, 1993 : 64), "a cultura ou civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo, é o conjunto total que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição da cultura entre as diferentes sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada sobre princípios gerais, é um tema apto para o estudo das leis do pensamento e acção humana". A teoria evolucionista implica uma dinâmica individual e colectiva, que se transmite, mas sobretudo se aperfeiçoa, de geração em geração.

Segundo a perspectiva dos evolucionistas, que supuseram uma cultura primitiva única, a partir da qual se operou uma difusão em vários sentidos que gerou desenvolvimentos progressivos distintos, a contribuição cultural do passado vai desaparecendo, pois a evolução implica um desembaraçar dos traços culturais que foram ficando para trás. Vista assim, a cultura é algo sem memória, já que nem o presente conta substancialmente. Podemos apelidá-la de cultura futurista, perdendo pois o carácter globalizante de conjunto de formas de pensar e de ser. Salvaguardando um certo extremismo, é certo que a cultura evolui, e que essa evolução depende do equilíbrio entre os três sub-sistemas culturais : o sistema económico de produção-distribuição e de produção de técnicas, o sistema sociológico de organização familiar, política, religiosa, moral e judicial, e o sistema ideológico, que engloba a linguagem e a produção mítica, artística, filosófica, científica. A supremacia de um sub-sistema sobre os outros não é igual em todas as sociedades. O estágio de desenvolvimento de cada sub-sistema também varia dumas sociedades para outras. Estes dois factores estão na base da hierarquia das culturas, escalonamento esse feito por cada

indivíduo a partir da sua cultura e do conceito vigente na sua comunidade sobre o tema.

A teoria evolucionista dá lugar à teoria historicista com Franz Boas, que não fala genericamente de cultura, mas de culturas, como mundos próprios, cada um com o seu funcionamento particular.

Segue-se a teoria funcionalista, que vê a cultura como um sistema funcionalmente integrado, em que sobressaem as instituições que a enquadram. A esta visão redutora, porque sincrónica, sucede o estruturalismo, com Lévi-Strauss (1958), em que a cultura encontra os seus significados através dos mitos, contruídos na sua essência a partir de relações de antinomia e ligados aos rituais por homologia, por afinidades redundantes.

Mais tarde, esta teoria é severamente criticada por Clifford Geertz, para quem a cultura se expressa através de símbolos criados pelo homem, em que a cada símbolo podem corresponder diferentes significados.

O culturalismo, com Ruth Benedict (1934), põe em destaque o conceito "cultura e personalidade", no qual a ideia-base é que toda e qualquer cultura se organiza à volta da forma de estar do respectivo grupo que com ela se identifica. Aqui põe-se a questão do individual e do colectivo, cuja reciprocidade de acções é essencial, na medida em que cada pessoa pode influir na evolução da cultura do grupo, do mesmo modo que cada um foi formando a sua personalidade a partir da construção cultural da colectividade. Para esta autora, a cultura configura a personalidade humana. Assim, na vida do homem, todos os aspectos culturais vão sendo objecto de selecção por parte de cada um de nós e de cada colectividade, aproveitando os que lhe parecem mais significativos e pondo de parte os restantes. Segundo ela, à semelhança de Boas, cada cultura deve ser observada no seu conjunto e nunca fraccionada para estudo comparativo. A sua aluna Margareth Mead propôs uma concepção análoga na análise que fez da adolescência em certas etnias, provando que a hierarquia das funções masculinas e femininas tem uma origem social e não natural. Estas teorias são hoje severamente criticadas do ponto de vista metodológico, defendendo-se que a personalidade individual se forma tanto na resistência aos valores do grupo como na integração dos mesmos.

Para outros antropólogos, a cultura funciona como um sistema cognitivo comum a todos os membros dum grupo social. Ela é o elo de ligação entre eles, pois é ela que permite a comunicação e o entendimento entre todos.

Para finalizar, outros estudiosos vêem na cultura um conjunto de estratégias que o homem cria para se adaptar o mais e melhor possível ao ambiente que o cerca. Trata-se duma orientação de tipo ecologista, em que ocupam lugar de destaque o mundo simbólico e ritual.

**190** Todas estas visões da cultura nos dão uma contribuição valiosa de reflexão sobre esse fenómeno tão antigo e tão actual quanto o é a vida humana. A cultura é específica e indissociável do ser humano. Ele criou-a, fabricou-a, para poder sobreviver, mas também para seu prazer. Aspectos há que dependem da sobrevivência e que por isso implicam gestos obrigatórios da parte dos actores sociais, mas há outros que eles inventaram para melhorarem essa sobrevivência e assim nasceram as artes e os lazeres.

A cultura vem do passado até nós, que procuramos actualizá-la e projectá-la no futuro. Ela é feita da experiência das gerações passadas, é a História. Ela constitui uma arte de vida em sociedade, representa a identidade do grupo e materializa-se nas instituições humanas. Cada cultura reflecte uma concepção distinta do mundo.

A noção de cultura abordada aqui deverá entender-se como um todo que rege o ser humano em sociedade. Ela designa o modo de vida do grupo, através do seu pensar, do seu sentir e do seu agir. Falaremos em seguida da situação particular de duas culturas que se entrecruzam, pelo que poremos de parte o conceito de cultura em geral, que é universal, para privilegiarmos o conceito de culturas, restringido às duas sociedades em presença, já que quando falamos de culturas diferentes apenas fazemos coincidir parcialmente o conceito genérico de cultura, pois de facto elas reflectem representação sociais diversas.

A pessoa em contacto permanente ou prolongado com duas culturas cria automaticamente mecanismos de adaptação a essa situação. Ela pode tornar-se complexa e conflitiva se o indivíduo tiver que encarar uma abrupta mudança de contexto

23

cultural sem para isso possuir as defesas necessárias para não se sentir agredido pelo desconhecido, tais como : o domínio da nova língua e todo um sistema de valores e de costumes não muito distanciados do seu, a fim de lhe permitirem uma interacção entre os dois.

Quando o encontro bi-cultural se faz progressivamente, a reacção do indivíduo pode ser mais pacífica, pois o tempo se encarregará de o tornar implicitamente um participante implicado nessa dualidade cultural.

Não há um modelo único de reacção a uma conjuntura deste tipo, muito menos um padrão normativo a indicar. As atitudes daí decorrentes podem revestir vários graus e aspectos.

Quando há perda da cultura tradicional, no todo ou em parte, em proveito duma nova cultura, há desculturação. Sempre que se adopta uma outra cultura, ainda que parcialmente, automaticamente põem-se de parte alguns traços da cultura primeira, embora as duas possam conjugar-se quase integralmente, compatibilizar-se, daí resultando um enriquecimento para o indivíduo.

Este fenómeno arrasta o da aculturação.

A aculturação significa a integração dum indivíduo num sistema cultural diferente do seu sistema de origem, o que implica a modificação do seu modelo cultural de base, resultante do contacto directo e contínuo de duas culturas diferentes.

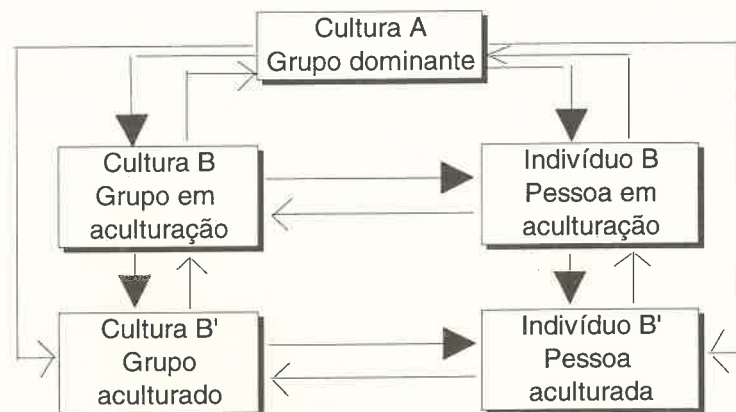
Na aculturação a pessoa assimila a cultura estrangeira, regra geral sobrevalorizando-a em relação à cultura de origem. Este fenómeno acontece sempre que a segunda cultura é considerada superior pelo grupo de referência e geralmente quando este é minoritário.

A aculturação implica uma mudança cultural, que vai atingir diversos aspectos da vida pessoal. Ela manifesta-se a nível individual, seguindo cada um o seu ritmo e adaptando estratégias diversas para operar essa adaptação evolutiva.

O fenómeno da aculturação está muito bem esquematizado por Neto (1993 : 46) num quadro de identificação de variáveis e

suas relações na investigação sobre aculturação (Fonte : Berry, Trimble e Olmeda, 1986) :

192



Como se verifica, quaisquer que sejam as variáveis, o resultado a que se chega é uma constante : sempre que grupos culturais diferentes são colocados em presença, as relações intergrupais que se estabelecem são ditadas pelo poder. O mesmo é válido nas relações interindividuais.

Sendo assim, as mudanças culturais serão observáveis a nível colectivo e afectarão sobretudo o grupo dominado, enquanto a nível individual registrar-se-ão mudanças psicológicas (Neto, 1993 : 45) decorrentes da pressão exercida pelo grupo dominante (influências externas) e pelo seu próprio grupo (influências internas). "As atitudes em relação à aculturação denotam o modo como um indivíduo ou um grupo em aculturação deseja relacionar-se com a sociedade receptora" (Neto, 1993 : 88). Todavia, para que a aculturação se efective, nem só o sujeito-actor deve fazer esforços nesse sentido. É necessário também que o tecido humano em que tenta penetrar manifeste predisposição para o receber.

Quando a aculturação é parcial, trata-se de transculturação, por haver a adopção de elementos das duas culturas em contacto. Assim o indivíduo transforma a sua cultura de origem por influência da nova cultura, conjugando as duas, não no seu todo, mas em parte.

Este fenómeno é inevitável quando a pessoa está sujeita a uma influência cultural dupla. Essa passagem recíproca de elementos pode ser consciente ou inconsciente, conflituosa ou tolerada.

Quando ela é consciente, traduz-se num fenómeno que requer uma certa rapidez ao nível da prática e que, portanto, implica necessariamente algum conflito, visto que a apropriação da nova cultura, por parcial que seja, pressupõe um julgamento de valor em que ela é modelo e a de origem substituível.

Quando ela é inconsciente, não há violência na sua adopção. Ela é aceite pelo indivíduo, que se coloca numa posição de permeabilidade, deixando-se impregnar da cultura dominante, sem bem se aperceber disso. Sendo assim, este processo é lento e pacífico e não implica juízos de valor, antes adaptação a um novo meio de vida.

O intercultural é um sub-conceito que aparece nos anos setenta com a deslocação maciça de pessoas e que hoje em dia está muito em voga, em especial no âmbito do alargamento da Comunidade Europeia.

O olhar para outras culturas torna-se inevitável quando as fronteiras desaparecem ou quando se atravessam sem dificuldade.

Essa abertura verifica-se não só da parte dos que se deslocam, isto é, dos que visitam ou se instalam algures, mas também da parte dos que são visitados, os quais deixaram de querer esconder a sua cultura aos olhos dos intrusos, pensando, pelo contrário, nas melhores técnicas de "marketing" para exportá-la. E se é óbvio que sub-jacentes a este fenómeno se dissimulam interesses económicos, não menos verdade é que a adopção de traços culturais outros é, mais que nunca, encarada como uma promoção pelos exportadores, numa era em que as diferentes culturas não cessam de se desenvolver através duma dinâmica nunca antes atingida.

Assim sendo, parece estar criado o clima ideal para que se estabeleçam verdadeiras situações de comunicação intercultural autêntica. Todavia, o que se verifica nas nossas sociedades é que as condições materiais estarão talvez mudadas, mas não o estão as consciências. Vejamos, por exemplo, o caso dos jovens, que são das pessoas que manifestam uma maior abertura à alteridade cultural, mas rejeitam todo aquele que não se conduz, no vestuário, como na escolha de filmes e de música, segundo o padrão americano, tornado símbolo de cosmopolitismo.

Se olharmos para os adultos, as reacções de intolerância cultural são porventura mais visíveis e talvez mais perigosas, porque se pautam por afrontamentos de fundo de cariz ideológico.

194

Essa ambiguidade verifica-se muito particularmente em contexto migratório, porque, em vez de inter-relações, o que se passa é que das duas culturas em contacto, só uma, a do migrante, se deixa impregnar pela outra, enquanto a autóctone permanece impermeável às culturas dos migrantes. Sabendo-se que nenhuma cultura permanece imutável ao longo dos tempos, dado o seu carácter activo que a leva a evoluir, essa evolução opera-se obrigatoriamente pelo contacto com outras culturas. Assim, o intercultural constrói-se a partir dos conceitos de cultura e de alteridade, impulsionados por uma forte dinâmica. Logo, esse movimento não poderá limitar-se a comparar traços culturais pertencentes a diferentes grupos humanos, antes a estabelecer relações de compreensão dos fenómenos objectivos e, através delas, de compreensão mútua entre os seus conceptores e utilizadores. Só elas poderão conduzir à comunicação entre esses grupos através de algumas pessoas que servirão de elementos de ligação e que serão efectivamente os agentes que impulsionarão o estabelecimento de trocas interculturais.

Ora, os imigrantes não são considerados agentes culturais válidos pelos autóctones, que os vêem como portadores duma cultura inferior, facto este fortemente agravado pela sua condição socio-cultural desvalorizada, portanto incapaz de veicular modelos culturais apreciáveis. Sendo assim, para fazerem evoluir a sua cultura dentro duma dinâmica generacional comum a todos os povos, os traços culturais diferentes nunca são colhidos nas culturas dos migrantes com quem vivem lado a lado na maior indiferença, quando não no desprezo, mas nas culturas dos países poderosos. "De facto, as relações interculturais são sempre determinadas por relações de força, ou pelo menos de influência, económicas, políticas e ideológicas" (Ladmiral e Lipiansky, 1989 : 12).

Assim sendo, na era actual, o intercultural permanece ainda ao nível duma temática reservada a intelectuais que produzem um discurso de tipo humanista, preconizando o cruzamento das culturas, o qual se produz dificilmente no contexto abordado aqui, já que a sua efectivação na prática passaria por uma revalorização das minorias para que houvesse enriquecimento mútuo.

As experiências bem conseguidas de mudança cultural resultantes de interações de grupos étnicos diferentes são geralmente de âmbito reduzido, criadas artificialmente e escrupulosamente dirigidas e enquadradas a fim de se cumprirem os objectivos previstos. É o caso de estágios ou de programas de trocas interculturais.

Em âmbito alargado e natural, em que sociedades diversas coabitam, as relações que se estabelecem assentam no desequilíbrio de estatutos (geralmente sociais e económicos) inter-societais. Este ponto de partida negativo vai forçosamente condicionar todo o relacionamento que possa ser estabelecido, especialmente quando o contacto se prevê ser de longa duração e relacionado com a divisão do trabalho. "Os processos que colorem as relações interculturais baseiam-se em estudos e experiências clássicas mostrando que os membros de um grupo têm tendência a exagerar e a deformar as suas diferenças com outro grupo" (Neto, 1993 : 50).

Assim, a oposição entre o eu/ele ou entre o nós/eles está presente em todas as interações grupais, levando à confrontação. Confrontação essa tanto mais fácil de estabelecer quanto o objecto em causa é exterior ao grupo de pertença, portanto o sujeito-actor está certo de receber a anuência tácita dos restantes elementos seus pares no tocante à dominação do(s) "ele(s)". Neste caso, o grupo minorizado, que regra geral é também minoritário, sente-se relegado a uma posição de dupla inferioridade. Os processos de sobrevivência neste meio hostil por ele adoptados passam normalmente pela criação de espaços comunitários fechados com forte dominante cultural étnica, pela rejeição da diversidade cultural e por tentativas de invisibilidade junto do grupo maioritário, limitando-se à convivência baseada apenas nas relações inter-étnicas.